

A FÉ NA ERA DO CETICISMO

COMO A RAZÃO
EXPLICA DEUS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy

A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus / Timothy Keller; tradução de Regina Lyra. - São Paulo: Vida Nova, 2015.
288 p.

ISBN 978-85-275-0600-7

Título original: *The reason for God: Belief in an age of skepticism*

1. Fé 2. Apologética 3. Ceticismo I. Título II. Lyra, Regina

14-0923

CDD 239

Índices para catálogo sistemático:

1. Apologética

AUTOR BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

TIMOTHY KELLER

A FÉ NA ERA DO
CETICISMO

COMO A RAZÃO
EXPLICA DEUS

TRADUÇÃO
REGINA LYRA
PROFESSORA DE TRADUÇÃO DA
PUC-RIO

©2008, de Timothy Keller

Título do original: *The reason for God: belief in an age of skepticism*,
edição publicada pela RIVERHEAD BOOK (Nova York, Nova York, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Almeida Século 21 (A21), salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Robinson Malkomes

REVISÃO DE PROVAS

Mauro Nogueira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Souto Crescimento da Marca

Para Kathy,
a Destemida.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Introdução</i>	13

PRIMEIRA PARTE - O SALTO DA DÚVIDA

UM	Não pode haver somente <i>uma</i> religião verdadeira.....	29
DOIS	Como um Deus bondoso pode permitir o sofrimento?	49
TRÊS	O cristianismo é uma camisa de força	61
QUATRO	A igreja é responsável por muitas injustiças	79
CINCO	Como pode um Deus de amor mandar alguém para o inferno?.....	97
SEIS	A ciência desacreditou o cristianismo	113
SETE	A Bíblia não deve ser interpretada literalmente.....	127
<i>Intermissão</i>		147

SEGUNDA PARTE - OS FUNDAMENTOS DA FÉ

OITO	As pistas de Deus	159
NOVE	O conhecimento de Deus.....	175
DEZ	O problema do pecado	191
ONZE	A religião e o evangelho	205
DOZE	A (verdadeira) história da cruz	217
TREZE	A realidade da ressurreição	231
CATORZE	A dança de Deus	243
<i>Epílogo: E agora, para onde vamos?</i>		257
<i>Índice onomástico</i>		271
<i>Índice temático</i>		275

Agradecimentos

DESEJO agradecer aos membros e líderes da igreja Redeemer Presbyterian Church, principalmente aos muitos que gostam de fazer perguntas, aos que lutam com suas dúvidas e aos críticos que encontrei ao longo dos anos. Este livro é o registro do que aprendi com eles. Meu obrigado a Jill Lamar pelo constante estímulo e apoio durante o processo de escrita. Agradeço também a David McCormick, um grande agente, a Brian Tart, magnífico editor, Nathaniel Calhoun, Jennifer Samuels, David Negrin, Lynn Land, Jim e Susie Lane, Janice Worth e Nicole Diamond-Austin e a meus três filhos — David, Michael e Jonathan — pelo enorme apoio e por tantas ótimas sugestões ao longo dos quatro últimos anos.

Também sou profundamente grato às três pessoas a quem mais devo a configuração básica da minha fé cristã. Pela ordem: minha esposa Kathy, o escritor britânico C. S. Lewis e o teólogo americano Jonathan Edwards.

As palavras de Lewis estão presentes em quase todos os capítulos. Eu estaria mentindo se não admitisse o quanto da minha noção de fé veio dele. As palavras de Edwards aparecem com menos frequência, pois ele contribuiu mais para a estrutura subjacente do que poderia ser chamado de minha “teologia”. Ainda assim, as visões de Lewis e Edwards combinam e convergem neste livro de maneira surpreendente. Por exemplo, o capítulo 14, sobre a Dança de Deus, fica devendo igualmente a um e a outro.

Minha esposa, Kathy, não recebeu uma nota de rodapé sequer, mas é a principal autora da fé e do pensamento *deste* autor. Ela me apresentou a Lewis, Edwards e à teologia reformada, bem como à importância da oração, da justiça social e da cidade. Quando se é o pilar da visão de mundo e de vida de alguém, seu nome é mencionado nos agradecimentos, não em notas de rodapé. O principal motivo que me levou a publicar este livro é Kathy ter gostado dele. “O louvor dos dignos de louvor supera qualquer recompensa.”

Introdução

Acho sua falta de fé — preocupante.

— Darth Vader

Os dois inimigos têm razão

EXISTE hoje um grande abismo entre o que convencionamos chamar liberalismo e conservadorismo. Cada corrente exige não apenas que você discorde da outra, mas também que a renegue por ser (na melhor das hipóteses) louca ou (na pior das hipóteses) nociva. Isso é especialmente válido quando religião é o tema em discussão. Os progressistas alardeiam que o fundamentalismo cresce rapidamente e que a incredulidade é estigmatizada. Afirmam que a política deu uma guinada para a direita, apoiada pelas megaigrejas, e mobilizou os crentes ortodoxos. Os conservadores denunciam incansavelmente o que veem, ou seja, uma sociedade cada vez mais cética e relativista. As principais universidades, veículos da mídia e instituições de elite estão altamente secularizadas, dizem eles, e controlam a cultura.

Quem tem razão? Fé e ceticismo encontram-se em ascensão no mundo de hoje? A resposta é sim. Ambos os inimigos têm razão. O ceticismo, o medo e o ódio em relação à religião tradicional adquirem cada vez mais poder e influência. No entanto, ao mesmo tempo, a fé robusta e ortodoxa nas religiões tradicionais também tem aumentado.

As populações americana e europeia que não frequentam igrejas vêm crescendo de forma bastante regular.¹ Disparou o número de americanos que

¹Veja relatório “One in three adults is unchurched” [Um em cada três adultos não frequenta a igreja] (March 28, 2005), do George Barna Group. Na Europa, o número de não praticantes caiu de forma mais acentuada ainda, ficando, no caso da Grã-Bretanha, no meio-termo. Veja Grace Davie, “Europe: the exception that proves the rule?” in: Peter L. Berger, org., *The desecularization of the world: resurgent religion and world politics* (Eerdmans, 1999), e Peter Brierly, *The tide is running out* (Christian Research, 2000).

responde “nenhuma preferência religiosa” nos questionários, tendo esse número dobrado ou triplicado na última década.² Um século atrás, a maioria das universidades americanas trocou uma orientação formalmente cristã por outra, ostensivamente secular.³ Em consequência, os indivíduos com crenças religiosas tradicionais detêm pouca influência em qualquer das instituições culturalmente poderosas. Ainda assim, enquanto cada vez mais gente declara não ter “nenhuma preferência religiosa”, algumas igrejas que pregam ideias supostamente obsoletas como crer em uma Bíblia infalível e em milagres vêm crescendo nos Estados Unidos e explodindo na África, na América Latina e na Ásia. Mesmo em boa parte da Europa verifica-se certo aumento no número dos que frequentam alguma igreja⁴ e, a despeito da secularidade vigente na maioria das universidades, a fé religiosa cresce em alguns nichos acadêmicos. Estima-se que entre 10% e 25% de todos os professores de filosofia nos Estados Unidos sejam cristãos ortodoxos, ao passo que essa porcentagem ficava abaixo de 1% apenas trinta anos atrás.⁵ O famoso acadêmico Stanley Fish talvez tenha se baseado nessa tendência ao dizer: “Quando Jacques Derrida morreu [em novembro de 2004], fui entrevistado por um repórter desejoso de saber o que substituiria a alta teoria e o triunvirato raça-gênero-classe como centro da energia intelectual no meio acadêmico. Respondi de pronto: a religião”.⁶

²Ross Douthat, “Crises of faith”, *The Atlantic Monthly* (July/August 2007).

³George Marsden, *The soul of the American university: from Protestant establishment to established non-belief* (Oxford, 1999).

⁴Fonte: Peter Berger no Pew Forum Faith Angle Conference, “Religion in a globalizing world”, December 4, 2006, Key West, Florida. Transcrição disponível em: <http://pewforum.org/events/index.php?EventID=136>. Veja ainda Douthat, “Crises of faith”, *The Atlantic Monthly* (July/August, 2007). Douthat utiliza os mesmos dados observados por Berger, demonstrando que, ao contrário da impressão dominante, a Europa vem aos poucos se tornando mais religiosa, enquanto os Estados Unidos se mostram cada vez mais divididos entre a religião e a secularidade. Ambas as tendências, diz ele, significam um conflito cultural e político, bem como um extremismo de ambos os lados.

⁵Douglas Groothuis, “Defending the faith”, *Books and Culture* (July, August, 2003): 12. Veja Quentin Smith “The metaphilosophy of naturalism”, *Philo*, vol. 4, n. 2, disponível em: www.philo-online.org/library/smith_4_2.htm. Hoje, a Society of Christian Philosophers [Sociedade dos Filósofos Cristãos] (fundada em 1978) abriga mais de 10% de todos os professores e mestres de filosofia do país. Veja mais detalhes em K. Clark, *Philosophers who believe* (Oxford).

⁶“One university under God?”, *The Chronicle of Higher Education: Careers*, January 7, 2005.

Resumindo, o mundo está polarizado no que diz respeito à religião, tornando-se, ao mesmo tempo, mais e menos religioso. No passado já se acreditou piamente que os países europeus secularizados atuassem como precursores para o restante do mundo. A religião, supunha-se, veria suas formas mais robustas e sobrenaturalistas declinarem ou desaparecerem por completo. No entanto, a teoria de que o avanço tecnológico acarreta inevitavelmente a secularização está agora sendo questionada ou radicalmente revista.⁷ Até mesmo a Europa talvez não venha a encarar um futuro secular, em face do modesto crescimento do cristianismo e do *boom* do islamismo.

Os dois lados

Falo a partir de uma perspectiva especialmente privilegiada a respeito desse fenômeno bilateral. Fui criado na fé luterana, dominante no leste da Pensilvânia. Quando entrei na adolescência, chegou a hora do curso preparatório para a confirmação, que durava dois anos e abordava as crenças, as práticas e a história do cristianismo. O objetivo era dotar os jovens de uma compreensão plena da fé para que pudessem se comprometer com ela publicamente. Meu professor no primeiro ano foi um pastor aposentado. Bastante tradicional e conservador, ele vivia falando do perigo do inferno e da necessidade de termos muita fé. No segundo ano, porém, o orientador foi um jovem pastor, recém saído do seminário. Ativista social, ele nutria profundas dúvidas a respeito das doutrinas tradicionais do cristianismo. A sensação foi quase de aprender duas religiões distintas. No primeiro ano, tínhamos visto um Deus santo e justo, cuja ira poderia ser evitada só com muito custo e grande esforço. No segundo ano, ouvimos falar de um espírito de amor no Universo, que basicamente exigia que batalhássemos pelos direitos humanos e pela libertação dos oprimidos. A principal pergunta que eu tinha vontade de fazer aos orientadores era: “Qual de vocês dois está mentindo?”, mas meninos de catorze anos não são tão destemidos, e por isso fiquei calado.

Tempos depois, minha família acabou indo parar em uma igreja mais conservadora de uma pequena denominação metodista. Durante vários anos isso

⁷Para uma boa visão geral, leia a transcrição integral (em inglês) do Pew Forum, dirigido por Peter Berger e mencionado na nota 4.

fortaleceu o que eu chamaria de “Fase do Fogo do Inferno” de minha formação religiosa, embora o pastor e os fiéis fossem as pessoas mais gentis do mundo. Em seguida entrei em uma boa universidade, uma dessas instituições menores e liberais no nordeste dos Estados Unidos, que logo começou a jogar água no fogo do inferno de minha imaginação.

Os departamentos de História e Filosofia eram socialmente radicais e muito influenciados pela teoria crítica neomarxista da Escola de Frankfurt. Em 1968, isso era coisa séria. O ativismo social exercia uma atração especial, e a crítica à sociedade burguesa americana era sedutora, mas seus pilares filosóficos me confundiam. Eu tinha a impressão de estar diante de dois campos distintos, e havia algo fundamentalmente errado em ambos. Os indivíduos mais entusiasmados com a justiça social eram relativistas morais, e os moralmente rígidos aparentemente não davam a mínima para a opressão reinante no mundo todo. Emocionalmente, o primeiro caminho me atraía — qual jovem não sentiria atração por ele? Libertar os oprimidos e dormir com quem bem entendesse! Mas uma pergunta não me saía da cabeça: “Se a moralidade sexual é relativa, por que a justiça social também não é?”. Parecia haver uma incoerência evidente em meus professores e seus seguidores. Agora, porém, eu conseguia enxergar a clara contradição nas igrejas tradicionais. Como eu poderia voltar para um cristianismo ortodoxo que apoiava a segregação racial no sul dos Estados Unidos e o apartheid na África do Sul? O cristianismo começava a soar muito irreal para mim, embora eu fosse incapaz de vislumbrar um estilo de vida e uma linha de pensamento alternativos que me parecessem viáveis.

Na época eu não sabia, mas essa “irrealidade” espiritual advinha de três barreiras existentes em meu caminho. Durante os anos de faculdade, essas três barreiras ruíram e minha fé tornou-se vital e transformadora. A primeira barreira era intelectual. Uma série de perguntas difíceis a respeito do cristianismo me perseguia: “E as outras religiões? Como ficam o mal e o sofrimento? Como um Deus de amor pode julgar e punir? Por que acreditar em alguma coisa?”. Comecei a ler livros e argumentos das duas correntes que abordavam essas questões; então, aos poucos, mas com clareza, o cristianismo foi ganhando cada vez mais sentido. O restante deste livro explica por que ainda penso assim.

A segunda barreira era interior, pessoal. Na infância, a credibilidade da fé pode se apoiar na autoridade de terceiros, mas quando atingimos a idade adulta surge também a necessidade de uma experiência em primeira mão. Embora eu “fizesse minhas orações” há anos e algumas vezes vivenciasse aquela sensação inspiradora, estética, de admiração diante da bela visão do mar ou de uma montanha, jamais experimentei pessoalmente a presença de Deus. Isso demandava não tanto um conhecimento das técnicas de oração, mas um processo pelo qual admitisse minhas próprias necessidades, falhas e dificuldades. Esse processo foi doloroso e, como costuma acontecer, foi desencadeado por decepções e fracassos. Seria necessário escrever outro livro, diferente deste, para abordar essa questão. No entanto, é preciso que se diga que as jornadas de fé não são meros exercícios intelectuais.

A terceira barreira era social. Eu precisava desesperadamente encontrar um “terceiro lado”, um grupo de cristãos que se preocupasse com a justiça no mundo, mas que a fundamentasse na natureza de Deus em lugar de baseá-la em sentimentos subjetivos. Quando encontrei esse “grupo de irmãos” — e de irmãs (igualmente importantes!) —, as coisas começaram a mudar para mim. Essas três barreiras não ruíram rapidamente nem em uma ordem predeterminada. O fato é que elas estavam interligadas e dependiam uma da outra. Não as trabalhei de forma metódica. Somente fazendo uma retrospectiva sou capaz de ver como os três aspectos atuavam juntos. Como estava sempre à procura desse terceiro lado, passei a me interessar pela formação e orientação de novas comunidades cristãs, o que me levou ao ministério pastoral, que abracei poucos anos depois de terminar a faculdade.

O enfoque a partir de Manhattan

No final da década de 1980, minha esposa, Kathy, e eu nos mudamos para Manhattan com nossos três filhos para iniciar uma igreja voltada a uma população que, em grande parte, não frequentava igrejas. Durante a fase de pesquisas, ouvi de quase todo mundo que empreender tal missão era uma tolice. Igreja significava conservadorismo total ou moderado, e Nova York era liberal e inovadora. Igreja significava família, e Nova York está cheia de gente solteira e de lares “não tradicionais”. Igreja significava, acima de tudo, crença, mas Manhattan é a terra dos céticos, dos críticos e dos cínicos. A classe média,

mercado convencional para uma igreja, estava fugindo da cidade em razão da criminalidade e do aumento do custo de vida, deixando ali os sofisticados, gente interessada nas últimas tendências, os ricos e os pobres. A maior parte desse público ria diante da ideia de uma igreja — foi o que me disseram. As congregações na cidade estavam encolhendo, a maioria lutando até para manter os prédios que ocupavam.

Muitos de meus primeiros contatos afirmaram que as poucas congregações capazes de conservar seus fiéis haviam conseguido isso adaptando os ensinamentos cristãos tradicionais ao espírito mais pluralista local. “Não lhes diga que *precisam* crer em Jesus — aqui isso é visto como mentalidade estreita.” A incredulidade era geral quando eu explicava que as doutrinas da nova igreja eram os pilares ortodoxos e históricos do cristianismo — a infalibilidade da Bíblia, a divindade de Cristo, a necessidade de regeneração espiritual (o novo nascimento) — doutrinas consideradas decididamente ultrapassadas pela maioria dos nova-iorquinos. Ninguém jamais disse “esqueça isso” com todas as letras, mas o conselho pairava no ar.

Assim mesmo iniciamos a igreja Redeemer Presbyterian Church, e no fim de 2007 já tínhamos mais de cinco mil frequentadores, além de termos criado mais de uma dezena de congregações na região metropolitana imediata. Nossa igreja é bem multiétnica e jovem (idade média de trinta anos) e mais de dois terços dos membros são solteiros. Enquanto isso, dezenas de congregações igualmente ortodoxas em suas crenças nasceram em Manhattan e centenas de outras surgiram nos outros quatro distritos de Nova York. Uma pesquisa mostrou que nos últimos anos mais de cem igrejas foram fundadas na cidade de Nova York só por cristãos da África. Ficamos surpresos diante desses números, assim como qualquer um ficaria.

Nova York não é um caso isolado. Em 2006, a revista *The Economist* publicou uma matéria com o subtítulo “O cristianismo está ruindo em toda parte, menos em Londres”. O ponto crucial da matéria era que a frequência à igreja e a profissão da fé cristã estavam despencando na Grã-Bretanha e no resto da Europa, mas vários profissionais jovens (e imigrantes recentes) em Londres acorriam às igrejas evangélicas.⁸ É exatamente isso que tenho visto em Nova York.

⁸“A New Jerusalem”, *The Economist*, September 21, 2006.